



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



AS EXPORTAÇÕES COMO DETERMINANTE DE CRESCIMENTO: O CASO DO ESTADO DO PARANÁ NO PERÍODO DE 1990 A 2005

ANTONIO CARLOS CAMPOS; TOBIAS FREITAS PRANDO; VINÍCIUS GONÇALVES VIDIGAL;

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

MARINGÁ - PR - CANADÁ

accampos@uem.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

COMÉRCIO INTERNACIONAL

As exportações como determinante de crescimento: o caso do Estado do Paraná no período de 1990 a 2005

Grupo de Pesquisa: COMÉRCIO INTERNACIONAL

Resumo

Este artigo procura analisar o desempenho positivo das exportações paranaense como determinante do crescimento econômico do Estado, no período de 1990 a 2005. Como ferramenta de análise, foi utilizado indicadores de desempenho, dentre eles, o índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), as relações das exportações e importações com o PIB, elasticidades das exportações em relação ao PIB, taxas médias de crescimento, todas no sentido de demonstrar o grau de associação existente entre exportações e PIB. Como resultado, foi verificado que o Paraná apresentou vantagem comparativa revelada nos principais produtos da sua pauta de exportação, sendo a maioria desses produtos básicos, especialmente no conjunto “grãos”. No entanto, não foi deixado de lado à participação crescente do setor automobilístico, o que contribuiu para o em aumento do nível de inserção nos mercados nacional e internacional. Foi verificado também que a taxa média de crescimento das exportações do Paraná foi superior a do Brasil. No entanto, as elasticidades das exportações em relação ao Pib foram às mesmas, tanto para o Paraná quanto para o Brasil, demonstrando que a resposta do incremento no Pib, dado uma elevação nas exportações, são semelhantes. Concluiu-se, portanto, que o desempenho positivo das exportações, revelaram um maior dinamismo da economia e determinaram



grandemente o aumento no nível do produto do estado do Paraná durante o período analisado.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, durante a década de 1970, discutia-se a opção pelo segmento de um modelo orientado para as exportações ou de um direcionamento de esforços do crescimento econômico para o setor vinculado ao mercado interno. O País estava crescendo rapidamente com base na expansão de suas exportações, que criavam novos empregos devido ao seu crescimento acelerado e pelo afluxo de capitais externos em setores estratégicos (Souza, 2002). Neste período, os principais produtos da pauta de exportação brasileira eram oriundos da agropecuária, o que inclusive levou a CEPAL a sugerir um modelo de substituição das exportações de produtos primários, condenando a prática da monocultura exportadora e incentivando a industrialização no Brasil.

Atualmente, os países desejam a expansão de suas exportações e muitos deles mantêm, ainda, certo protecionismo, uma vez que as importações concorrentes extinguem empregos internamente. Entretanto, torna-se muito difícil haver aumento das exportações mundiais se o protecionismo se generaliza. É mérito da globalização apontar o fato de que o aumento das importações gera maior concorrência, o que reduz os preços dos insumos e dos bens finais, beneficiando os consumidores e as empresas que utilizam insumos importados (Souza, 2002).

Quando as exportações crescem, as compras de insumos de empresas locais são aumentadas. Ao mesmo tempo, a elevação do nível do emprego e da renda no setor exportador implica em mais aquisição de bens e serviços produzidos localmente. As exportações causam um efeito multiplicador sobre o mercado interno (Souza, 2002), ou seja, o crescimento da economia passa a ser determinado pelas atividades de exportação e de seus efeitos de transbordamento.

Essa política influenciou a economia do Paraná, importante produtor agrícola do país, que a partir da década de 70 experimentou uma diversificação e modernização da agropecuária estadual bastante intensa. Posterior a isso, na década de 90, houve um amplo processo de industrialização paranaense, com a introdução, principalmente, do setor automotivo, localizado na região metropolitana de Curitiba. Além disso, outros segmentos ligados à atividade agropecuária, localizados no interior do estado, se dinamizaram e aumentaram suas participações no mercado nacional e internacional.

O objetivo desse artigo, portanto, é analisar a dinâmica da economia paranaense determinada pelo desempenho positivo das exportações do Estado. Contribuindo neste sentido, o trabalho também evidencia a vantagem comparativa revelada (VCR) dos seus principais produtos voltados ao mercado externo bem como seus principais mercados. O trabalho encontra estruturado em mais cinco seções, além desta introdução. A segunda apresenta a caracterização produtiva atual do estado, a qual tem intensificado às atividades industriais, especialmente com o setor automotivo. A teoria da base exportadora é discutida na seção 3, buscando evidenciar os argumentos que sustentam este trabalho, ou seja, que um aumento das exportações provocam aumento do produto interno bruto do estado. A quarta seção apresenta indicadores de desempenho tais como índice de correlação, vantagens comparativas reveladas, coeficiente de abertura e taxas médias de crescimento, na tentativa de evidenciar relações positivas entre o desempenho das exportações e o ritmo de crescimento da economia paranaense. A quinta seção mostra o destino das exportações do Paraná, revelando seus principais mercados. Por fim, algumas considerações finais são tecidas.

2. A CARACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA PARANAENSE NOS ANOS RECENTES

A expansão cafeeira a partir de 1930 evidenciou a economia paranaense no cenário nacional, representando o início de uma nova fase no processo de desenvolvimento do estado. A inserção da economia paranaense na economia nacional e internacional se dava fundamentalmente através da produção da erva-mate e da madeira, particularmente do pinho. No norte-paranaense, começou uma progressiva ocupação e expansão da produção cafeeira. Em um curto período de tempo, o café passou a ser a base do desenvolvimento do estado e sua forma de inserção no mercado nacional até a década de 60, quando a agricultura desse gênero entrou em crise.

Na década de 70 do século passado segundo Trintin (2001), houve um crescimento econômico da economia brasileira e das novas possibilidades de articulação dentro da divisão do trabalho no espaço nacional, decorrente do processo de desconcentração da estrutura produtiva da economia do país. Este processo teve um grande impacto nas economias regionais, e principalmente, na economia paranaense, uma vez que esta passou a contar com investimentos oriundos das políticas públicas de desenvolvimento regional e do transbordamento da economia paulista.

A produção da soja começou a ganhar importância relativa na agricultura paranaense, mas principalmente quando surgiram os incentivos à diversificação agrícola proporcionados pelo governo federal. No entanto, sua expansão ocorreu, de fato, a partir de meados da década de 70, impulsionado pelas rápidas transformações de economia, a partir da diversificação e modernização da agropecuária estadual, que até então era baseada em técnicas rudimentares de produção e passou a incorporar máquinas, equipamentos mecânicos e novos insumos (TRINTIN, 2001). Já em 1980 esse processo de desconcentração da economia nacional fica mais lento, mas a economia do estado continua aumentando sua participação na economia nacional.

Na década de 90, houve um aquecimento da economia nacional, principalmente a partir da implantação do Plano Real, quando passou a ingressar no país um volume relevante de capitais externos, tanto capitais de curto prazo como de investimentos diretos. A entrada desses capitais pode ser relacionada a vários fatores, como os estímulos criados pela privatização das empresas estatais, a intenção da manutenção de posições nos mercados nacional e latino americano em face dos acordos de comércio no âmbito do Mercosul (Mercado Comum do Sul) e em razão da maior abertura e estabilidade da economia nacional.

Os novos esforços à industrialização no estado do Paraná se iniciaram nesse contexto de grandes mudanças na economia brasileira, visto que a indústria paranaense no início dos anos 90 ainda era fortemente vinculada ao setor primário da economia. As mudanças observadas na indústria paranaense, longe de a transformarem em uma economia com um significativo desenvolvimento industrial, possibilitaram um papel muito específico em caráter nacional, tanto por ser simples fornecedora de alimentos, com moderna agricultura, quanto pelo seu setor industrial (TRINTIN, 2001).

A indústria do Paraná, no período de 1985 a 1998, cresceu mais rapidamente que a nacional, transformando o parque industrial paranaense no quarto mais importante do Brasil. Esse crescimento foi marcado por transformações na estrutura industrial, onde os grandes gêneros industriais, como produtos alimentares, madeira e têxtil, perderam participação no valor adicionado, enquanto a indústria de material de transportes se expandia. O crescimento desse setor estava ligado, no início da década de 80, com os investimentos realizados pela Volvo S/A, concentrada na produção de ônibus e caminhões.

Na década de 90, com a entrada do Paraná na denominada “guerra fiscal”, a indústria passou a contar com novos investimentos de subsidiárias estrangeiras na mesma atividade, principalmente os realizados pela Volkswagen/Audi, Chrysler e Renault (Trintin, 2001). Ao mesmo tempo também se verificou que o setor agropecuário manteve sua dinâmica elevando inclusive o seu grau de inserção nos mercados nacional e internacional.

O Paraná, nos anos recentes, tem apresentado uma tendência crescente do crescimento industrial, associado a um processo de reestruturação produtiva. Essa reestruturação produtiva, embora com pouco reflexo no crescimento médio anual do produto do Estado (2,75% contra 2,43% no Brasil no período de 1990 a 2002), tem elevado a capacidade instalada da indústria paranaense relativamente a outras regiões do Brasil (NOJIMA, 2002, p. 27). Com isso, sua participação no valor da transformação industrial nacional foi elevada de 4,3% em 1995 para 5,3% em 1996 e para 5,7% em 2002.

De acordo com Nojima (2002), no ano de 2000 a indústria paranaense apresentava uma configuração produtiva bem diferenciada, comparada com a de meados dos anos 80. Verificou-se aumento na participação do grupo tecnológico (35,2%) e um declínio do grupo tradicional (26,6%). Em uma análise mais recente, Lourenço (2005) evidencia que a indústria e serviços representam aproximadamente 40,0% do PIB paranaense de 2003, restando à agropecuária uma parcela de 20%. No que se refere às exportações, o grupo de produto soja lidera em participação relativa (31,38%) seguido pelo grupo material de transporte (17,01%), madeira (12,43%) e carnes (10,30%) para o ano de 2004. Este, portanto, é o retrato atual da estrutura produtiva do Estado do Paraná, na qual se encontram setores como o automotivo, de maior inserção na economia nacional e o complexo agropecuário, com uma dinâmica relacionada ao mercado internacional.

3. A TEORIA DA BASE EXPORTADORA

Em um mundo em que o comércio se intensifica e a concorrência predomina, a especialização produtiva tem sido o caminho mais procurado para o crescimento do produto. Por um lado, nenhuma região produz tudo o que necessita, daí a necessidade de importar. Por outro, nenhuma região produz apenas a quantidade de bens e serviços que necessita, daí as exportações. Assim, qualquer região precisa exportar para fazer face à necessidade de suas importações.

A literatura que trata do desenvolvimento regional afirma que existe uma relação entre as exportações de uma região e seu crescimento. As primeiras explicações a este respeito estão em Tiebout¹, *appud* RICHARDSON, (1981), onde ele afirma que o nível de produção e emprego da região depende das exportações que, por sua vez, dependem da procura externa e das vantagens comparativas.

Nesta perspectiva analítica a literatura econômica tem apontado o lento crescimento do mercado interno como uma das causas de crises econômicas. Ou seja, o baixo nível de consumo dos trabalhadores é refletido no lento crescimento do mercado interno, o que resulta em excesso de oferta. Uma alternativa para ampliar mercado, portanto, é o aumento das exportações, o qual possibilitaria o consumo de toda oferta e eliminaria o risco de crises (Souza, 1999). Esse aumento da demanda efetiva também agiria de maneira positiva por meio da expansão do mercado, exigindo economia de escala e proporcionando maior eficiência produtiva e, conseqüentemente, melhora no nível de bem-estar dos agentes envolvidos no processo produtivo.

¹ Tiebout, C. Modelos de *input-output* regional e inter-regional: uma avaliação – 1957.

Desse modo, a teoria da base exportadora ilustra com muita propriedade essa situação, tratando dos determinantes do desenvolvimento da economia regional. Ela argumenta que o aumento da produção da base exportadora exerce efeito multiplicador sobre as atividades de mercado interno (BALASSA, 1989).

A teoria da base de exportação é baseada na Teoria das Vantagens Comparativas de Heckscher-Ohlin, em que os custos de produção são tomados numa perspectiva ampla e as vantagens são consideradas em função de diferentes disponibilidades de Recursos naturais e de diferenças na organização do processo produtivo.

Neste sentido, a teoria afirma que o crescimento de uma região depende do crescimento de suas indústrias de exportação, implicando com isso que a expansão da demanda externa à região é o elemento crítico determinante inicial do crescimento dentro da região. Dessa forma, um aumento na base de exportação (que significa todos os bens e serviços exportáveis de uma região) estabelece um efeito multiplicador igual ao produto regional total dividido pelas exportações totais. A teoria da base de exportação sugere, portanto, que uma expansão na base de exportação de uma região/estado (suas exportações brutas) induz a uma taxa maior de crescimento do produto.

De acordo com Souza (2002), os benefícios de uma economia centrada no crescimento das exportações são:

i) **Complementar o mercado interno.** O setor de mercado interno (SMI) pode estar trabalhando com capacidade ociosa, se a demanda interna estiver saturada. Se o consumo interno cresce menos do que a oferta interna, então as exportações reduzem os estoques não vendidos.

ii) **Gerar economias de escala.** O aumento das exportações dilui os custos fixos, reduzindo os custos médios. O aumento da margem de lucro estimula os investimentos, o que gera novos empregos no mercado interno pelos efeitos de multiplicação.

iii) **Melhorar a eficiência produtiva interna.** A concorrência nos mercados externos leva à especialização e à manutenção de elevados padrões de eficiência e competitividade. Os contatos internacionais geram novos conhecimentos que são repassados ao mercado doméstico.

iv) **Melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.** O aumento das exportações reduz a ociosidade da economia e aumenta o emprego dos recursos disponíveis como terras, minerais, mão-de-obra, empresariado e capitais.

v) **Interdependências tecnológicas e econômicas.** O crescimento das exportações repercute-se no mercado doméstico por meio dos efeitos de multiplicação da renda e do emprego. Isso ocorre pela demanda de serviços e pela compra de insumos e bens de capitais produzidos pelo mercado nacional.

A base exportadora, portanto, tem sido considerada influente nas atividades de mercado interno. Para se desenvolver a atividade exportadora é necessário também o apoio de determinados serviços de infra-estrutura básica, como portos e outros meios de transporte e de comunicações eficientes. Nesse sentido, a partir da teoria da base exportadora, surgiu um conceito mais abrangente, o de base econômica, que inclui outras variáveis, além das exportações, como investimento autônomo interno, gastos do governo federal na área, ingresso de capitais externos, bem como todo o tipo de renda externa que provoque efeitos multiplicadores sobre as atividades de mercado interno, ao expandir os meios de pagamentos internos, sem provocar sensíveis aumentos de preços. (SIRKIN, 1959, SOUZA, 1980, KOHLER, 2001).

4. INDICADORES DE DESEMPENHO DA ECONOMIA PARANAENSE

4.1 - Índice de correlação e taxas médias anuais de crescimento do PIB, exportações, importações e corrente de comércio

Um instrumento amplamente utilizado para medir a correlação entre duas variáveis é o coeficiente de correlação de Pearson. Nesse estudo, esse coeficiente servirá para indicar o nível de correlação entre PIB e exportações, PIB e importações, e PIB e comércio externo total do Brasil e do Paraná.

O coeficiente de Pearson é apresentado da seguinte maneira:

$$(R_{X,Y}) = \frac{\sum_i^n (X_i - \mu_x)(Y_i - \mu_y)}{\sigma_x \cdot \sigma_y}; \quad \text{sendo que: } -1 \leq |R_{X,Y}| \leq 1$$

Onde:

\sum_i^n = soma das variáveis relativas a um Estado do ano i ao ano terminal;

X = valor do PIB ou do emprego;

μ_x = média da variável X;

Y_i = exportações ou importações;

μ_y = média da variável Y;

σ_x e σ_y = desvios-padrão respectivos das variáveis X e Y.

O resultado da expressão acima apresentada evidencia como se comporta uma variável em relação à outra. Uma correlação positiva entre um par de variáveis sugere uma relação proporcional, enquanto que um resultado negativo revela uma relação inversa entre as variáveis. Ou seja, se a correlação entre o PIB e as exportações for positiva, significa que dado um aumento no PIB, haverá, também, um aumento nas exportações e vice-versa.

Usando dados do MDIC/SECEX, (2006), para o período de 1991 a 2003, foi constatado que a correlação entre a corrente de comércio e o PIB no Brasil não foi muito elevada (0,58), pelo fato do coeficiente entre exportação e PIB ser pouco expressivo (0,28), comparado com o de importação e PIB (0,75). Quanto ao Paraná este mesmo coeficiente de correlação foi inferior ao apresentado no país (0,42), porém com valores mais próximos entre exportações e PIB (0,34) e importações e PIB (0,45). Assim, pode-se inferir que o Paraná depende tanto das exportações quanto das importações para o crescimento de seu produto. Ou seja, a importação de bens de capital tem impulsionado as atividades ligadas ao setor exportador.

4.2 - Vantagens Comparativas Reveladas no Paraná (VCR)

Os fluxos comerciais das economias permitem a mensuração do grau de competitividade e especialização dessas mesmas no comércio internacional. Uma ferramenta bastante utilizada para mensurar o grau de competitividade de atividades produtivas nos países é o índice das Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) proposto por Balassa (1965). De maneira específica, esse índice aponta aquela unidade da federação que apresenta diferencial competitivo na exportação de determinado produto, e é representado pela seguinte expressão:

$$VCR_{ij} = (X_{ij} / X_j) / (X_{in} / X_n)$$

Onde: X_{ij} = exportações do produto i do estado j ;
 X_j = exportações totais do estado j ;
 X_{in} = exportações do produto i do país;
 X_n = exportações totais do país.

Uma nação apresentará vantagem comparativa revelada na exportação de determinado produto quando a razão VCR_{ij} for superior à unidade, o que indica, também, uma participação desse produto nas exportações de um país superior ao papel desempenhado por esse em relação às exportações totais mundiais.

Neste estudo, esse indicador será aplicado ao Estado do Paraná com o cálculo das vantagens comparativas reveladas, referentes aos anos de 1999 a 2005, quanto à exportação dos principais produtos da pauta de exportação do estado paranaense.

Em um estudo realizado para as unidades da federação do Brasil, Souza (2002) apontou que o Estado do Paraná, para o período de 1991 a 2000, possuía VCR média apenas nos chamados produtos básicos produzidos pelo Estado no valor de (1,85).

Ao analisar detalhadamente os principais produtos de exportação do Estado, pode-se evidenciar a VCR de modo individual. Segundo SEREIA, NOGUEIRA e CÂMARA (2002), em um trabalho mais específico, tratando das VCR do complexo agroindustrial, os produtos farelo de soja, grãos de soja e café solúvel foram os que apresentaram maior VCR do complexo agroindustrial. Nossa análise, no entanto, torna-se mais ampla, na medida em que considera todos os produtos da pauta de exportação do estado.

Inicialmente, segundo dados do MDIC/SECEX (2006), foi verificado que os produtos mais relevantes para a exportação do estado paranaense são aqueles relacionados à soja (grão, farelo e óleo), que somam (34,6%); automóveis e motores para automóveis (15,2%); madeiras e manufaturas de madeira (10,6%); carne de frango *in natura* 6,2%; cereais (4,3%); açúcar (2,6%); papel (2,5%); café (2,2%), segundo dados do MDIC/SECEX (2006).

Os principais produtos da pauta de exportação paranaense apresentaram vantagens comparativas reveladas, conforme tabela 1. Esses produtos estão relacionados à agroindústria, como a soja e seus derivados que são de extrema importância ao comércio do estado, acompanhados pelo mercado de carnes de frango e do setor da indústria automotiva².

² Os produtos cujos índices de vantagem comparativa não encontram-se presentes na tabela são aqueles que desempenham importante papel na pauta de exportações brasileira, porém, não são exportados pelo Paraná. Esses produtos são minérios de ferro e aviões, os quais são produzidos e/ou exportados, majoritariamente, por estados da Região Sudeste do país.

Tabela 1 - Vantagens comparativas reveladas do Paraná por principais produtos da pauta de exportação do Estado, 1999 a 2005.

Produto (NCM) ⁽¹⁾	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Outros grãos de soja, mesmo triturados	4,59	3,87	3,26	2,99	2,57	2,42	2,09
Bagaços e outs.resíduos sólidos,da extr.do óleo de soja	5,54	4,85	4,85	3,65	3,43	3,40	3,64
Automóveis c/motor explosão,1500<cm3<=3000,at	1,16	7,39	5,09	4,31	2,66	1,79	1,87
Óleo de soja,em bruto,mesmo degomado	5,89	6,20	4,73	4,19	3,99	4,09	3,96
Carnes de galos/galinhas,n/cortadas em pedaços, congel.	5,05	4,91	3,72	3,43	3,41	3,75	4,38

Fonte: MDIC/SECEX, 2006.

Nota: 1 - NCM se refere à Nomenclatura Comum do Mercosul, adotada pelo Brasil a partir de 1996.

Observa-se que os índices de VCRs, com exceção das carnes de galos/galinhas, têm caído ao longo do tempo. A queda mais significativa, foi observada nos produtos “outros grãos de soja” e “bagaços e resíduos sólidos da extração do óleo de soja” que passaram de 4,59% para 2,09% e 5,54% para 3,64% respectivamente. A explicação para este fato, dado sua característica, pode estar na crise que a agricultura vem sofrendo nos últimos anos, seja pelo fato dos estoques internacionais estarem elevados, seja por períodos de forte estiagem ou, ainda, pela valorização cambial ocorrida nesse período.

Mesmo com algumas dificuldades, o estado, através desses elevados índices, evidencia um comércio exterior dinamizado, haja vista a importância da base agrícola, com a exportação da soja e seus derivados, e da base industrial, por meio da exportação de automóveis, constituindo um significativo fator de crescimento da produção. Ao mesmo tempo, os dados mostram um estado mais diversificado, com dinâmicas distintas determinando sua *performance*, nos mercados nacional e internacional nos últimos anos.

4.3 - A evolução da corrente de comércio paranaense e seu coeficiente de abertura econômica

A economia do Paraná, assim como a brasileira, atravessava, no início da década de 1990, fortes mudanças estruturais no que diz respeito ao comércio internacional. O governo Collor, àquela época, realizou profundas mudanças na política de comércio exterior do país, tendo adotado o câmbio livre e intensificado o programa de liberalização da política de importações. Foi a partir daí que se vislumbrou o início da abertura econômica do país.

A partir desta perspectiva, e tomando como instrumento de análise dados do MDIC/SECEX (2006), observou-se que no período de 1990 a 2005, as exportações do Brasil obtiveram um crescimento de 276,6%, e as importações aumentaram em 134,1%. A balança comercial brasileira teve saldos negativos a partir de 1995, quando os valores de importações superaram os de exportações, prosseguindo até 2000. Nos anos de 2001 a 2005, o saldo, assim como no período de 1990 a 1994, voltou a apresentar resultados positivos, elevando-se em aproximadamente dezessete vezes. Em 2002, o principal responsável pelo saldo positivo da balança comercial brasileira foi a grande redução das importações, enquanto que em 2003 o resultado se deu pelo aumento das exportações. Nos anos seguintes, o saldo manteve essa trajetória ascendente.

Um comportamento bem diferente, e mais intenso, foi apresentado pela economia do estado do Paraná, onde as exportações cresceram em 436,5%, ao passo que as importações aumentaram em 622,6%, superior ao crescimento das exportações de 1990 a 2005. As exportações e importações cresceram no geral, tendo a última, sua maior variação em 1993 (56%). O saldo da balança comercial paranaense, entre 1990 e 2005, teve uma variação positiva de 342,7%, embora de 1998 a 2001, tenha demonstrado baixos resultados. Em todo o período analisado, a balança comercial atingiu seu pior nível no ano de 2000, quando apresentou saldo negativo (Tabela 2). De 2002 a 2005, ocorreu ritmo semelhante de crescimento das exportações do Brasil e do Paraná, as quais apresentaram variações de 96,0% e 75,8%, respectivamente.

Tabela 2 – Exportação, importação e saldo da balança comercial paranaense, 1990-2005.

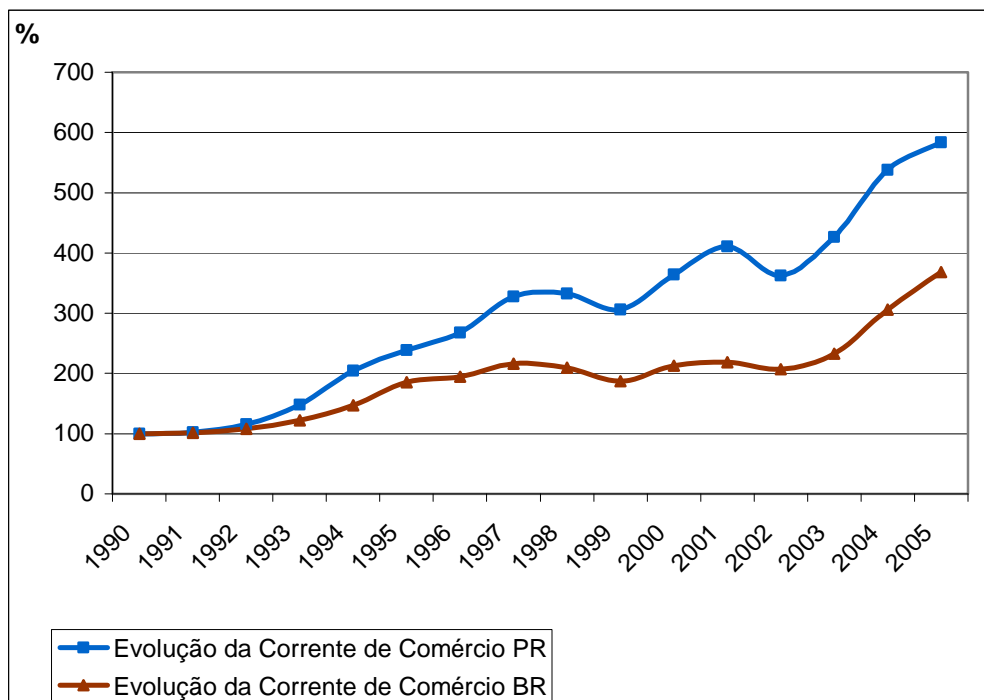
Ano	Exportação		Importação		Saldo
	Valor (US\$ FOB)	Var. (%)	Valor (US\$ FOB)	Var. (%)	Valor (US\$ FOB)
1990	1 868 167 934	-	626 178 951	-	1 241 988 983
1991	1 807 229 745	-3,26	739 488 160	18,10	1 067 741 585
1992	2 110 039 178	16,76	769 453 113	4,05	1 340 586 065
1993	2 481 143 153	17,59	1 201 064 615	56,09	1 280 078 538
1994	3 506 748 918	41,34	1 589 440 471	32,34	1 917 308 447
1995	3 567 346 076	1,73	2 390 290 798	50,39	1 177 055 278
1996	4 245 904 871	19,02	2 434 732 521	1,86	1 811 172 350
1997	4 854 244 857	14,33	3 306 968 091	35,82	1 547 276 766
1998	4 227 994 512	-12,90	4 057 588 682	22,70	170 405 830
1999	3 932 564 272	-6,99	3 699 956 817	-8,81	232 607 455
2000	4 392 091 140	11,69	4 685 380 938	26,63	- 293 289 798
2001	5 317 509 093	21,07	4 929 456 752	5,21	388 052 341
2002	5 700 199 375	7,20	3 333 800 425	-32,37	2 366 398 950
2003	7 153 234 992	25,49	3 487 702 795	4,62	3 665 532 197
2004	9 396 489 486	31,36	4 028 296 728	15,50	5 368 192 758
2005	10.022.668.933	6,66	4.524.840.343	12,39	5.497.828.590

Fonte: MDIC/SECEX, 2006.

NOTA: Os valores referentes às importações podem apresentar pequenas variações, dependendo da data da consulta, em razão da revisão dos dados.

Tendo em vista que as exportações e importações do Paraná e do Brasil apresentaram crescimento no período de 1990 a 2004, as correntes de comércio, conseqüentemente, desenvolveram-se de maneira semelhante (figura 1). Embora ambos tenham obtido uma expressiva elevação da corrente de comércio, o estado do Paraná demonstrou um crescimento relativamente superior, o que evidencia um maior grau de inserção da economia paranaense no seu comércio exterior.

Figura 1 – Evolução da Corrente de Comércio do Paraná e do Brasil, em %, 1990 a 2005.



Fonte: MDIC/SECEX, 2006.

Nota: O ano base utilizado foi 1990.

O argumento utilizado neste trabalho é que o crescimento econômico, medido pela variação positiva do PIB, possui uma relação positiva com o desempenho das exportações. Assim, pode-se dizer que o dinamismo do Estado do Paraná era determinado pelo nível de exportações, favorecidos por um maior grau de abertura da economia estadual. Este coeficiente é medido por meio da razão entre exportações e PIB; importações e PIB; e corrente de comércio e PIB.

As relações comerciais do Paraná apresentaram uma evolução em seu grau de abertura muito superior à brasileira durante o período de 1990 a 2003. Enquanto o Brasil passou de 11,20% para 24,01%, o Paraná saltou de 8,45 para 33,09% no mesmo período (Tabela 3). Isso nos permite dizer que o elevado grau de abertura experimentado pela economia nacional foi alavancado pelo Estado do Paraná³.

³ Segundo Souza (2002), os estados que apresentaram maior grau de abertura no período de 1991 a 2000 foram ES (60,8%), AM (46,4%), RS (22,2%), SC (20,5%), PA (20,4%), MA (19,3%), PR (19,2%) e SP (18,9%).

Tabela 3- Coeficiente de abertura do Estado do Paraná e do Brasil às exportações, importações e ao comércio externo, 1990 a 2003 (%).

Ano	(X / PIB _{pm})		(M / PIB _{pm})		[(M+X)/(PIB _{pm})]	
	Paraná	Brasil	Paraná	Brasil	Paraná	Brasil
1990	6,33	6,76	2,12	4,44	8,45	11,20
1991	7,55	7,76	3,09	5,16	10,64	12,92
1992	9,22	9,16	3,36	5,26	12,58	14,43
1993	9,56	8,80	4,63	5,76	14,19	14,56
1994	10,52	7,97	4,77	6,05	15,29	14,02
1995	8,53	6,61	5,72	7,10	14,25	13,71
1996	8,94	6,16	5,13	6,88	14,06	13,04
1997	9,90	6,56	6,74	7,39	16,64	13,95
1998	8,64	6,49	8,29	7,33	16,92	13,82
1999	11,56	8,95	10,88	9,18	22,44	18,13
2000	12,19	9,16	13,00	9,28	25,19	18,44
2001	17,16	11,41	15,91	10,89	33,07	22,30
2002	20,45	13,10	11,96	10,26	32,41	23,36
2003	22,24	14,46	10,84	9,55	33,09	24,01

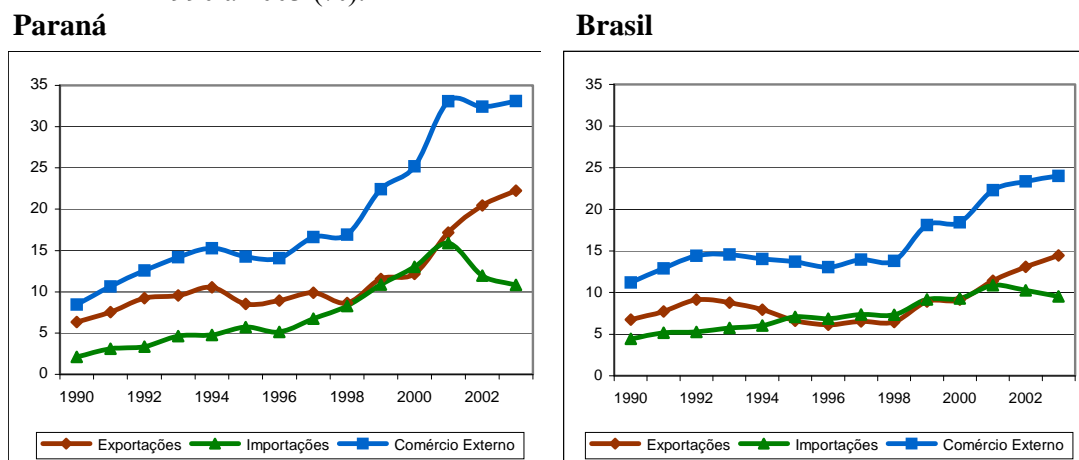
Fonte: MDIC/SECEX, IMF, 2006.

Nota: PIB a preços correntes. O PIB do Paraná para os anos de 1990 a 1993 foi estimado com base na participação desse no PIB do Brasil. O PIB nacional, em dólares, foi obtido junto ao FMI e o paranaense, analogamente, estimado com uso da taxa de câmbio média anual.

Pode-se observar também que o Brasil possuía maior atividade no comércio internacional, com coeficiente de abertura para a corrente de comércio superior ao do Paraná. No entanto, em meados de 1993, o estado passa a ter uma maior abertura no comércio externo maior que a do Brasil. Essa maior abertura é intensificada a partir de 1999, com influência de maior força na exportação de veículos automotores paranaenses, movimento esse que pode ser verificado pelas crescentes vantagens comparativas reveladas referentes a esse produto. Ao fim de 2003, o estado do Paraná apresentava coeficiente de abertura ao comércio externo igual a 33,1%, ou seja, valor quase quatro vezes superior ao inicial, enquanto o Brasil teve sua abertura apenas duplicada. Isso demonstra um melhor desempenho relativo do setor exportador paranaense em relação ao brasileiro.

Apenas uma maior abertura do comércio externo de uma economia não significa, necessariamente, mais vantagens em relação à outra menos aberta. Interessa-nos saber qual a proporção entre exportações e importações nesse comércio externo. Nesse caso, quando se verifica o grau de abertura das importações, pode-se verificar que Brasil e Paraná apresentam diferença mínima, relativa a um ponto percentual. No entanto, a economia paranaense apresenta uma abertura das exportações significativamente superior a do Brasil, indicando onde se encontra a diferença entre suas aberturas ao comércio internacional. As evoluções dos coeficientes de abertura da economia paranaense e da economia nacional, de 1990 a 2003, estão representadas de maneira mais clara na Figura 1.

Figura 2 - Evolução do coeficiente de abertura do Estado do Paraná e do Brasil, respectivamente, às exportações, importações e ao comércio externo total, 1990 a 2003 (%).



Fonte: MDIC/SECEX, IMF, 2006.

O coeficiente de abertura da economia paranaense às exportações, apresentou maior força a partir do final dos anos 1990 e início de 2000. Isso resultou num maior grau de inserção dessa economia em mercados estrangeiros, e, dessa forma, numa dinamização de seu comércio internacional.

Essa condição pode ser explicada pelo fato de o crescimento das exportações paranaenses terem superado amplamente o crescimento das exportações nacionais e isso possibilitou taxas médias de crescimento do PIB do Estado (1,87% ao ano) superiores as do Brasil (1,55% ao ano), conforme tabela 4.

Tabela 4 – Taxa média anual de crescimento⁽¹⁾ do PIB, exportação, importação e corrente de comércio do Brasil e do Paraná no período de 1990-2005, em %

Variável	Brasil	Paraná ⁽²⁾
PIB	1,55	1,87
Exportações	6,63	10,06
Importações	8,06	16,95
Corrente de comércio	7,24	12,54

Fonte: MDIC/SECEX, 2006; elaborado pelos autores.

Notas 1 – Calculado a partir da equação $\ln Y_t = \ln Y_0 + t \cdot \ln (1 + r)$, onde Y_t é o valor das variáveis no tempo; Y_0 é o valor inicial da série; r é a taxa de crescimento; t é o tempo.

2 – O período é de 1990 a 2003.

As taxas médias de crescimento ao longo do tempo também contribuíram para evidenciar o desempenho da economia paranaense *vis-à-vis* à brasileira. Durante os anos 90 e meados de 2000, o Paraná apresentou taxas médias anuais do PIB bem mais elevados que às do Brasil

Da mesma forma, o Estado do Paraná também apresentou taxas médias de crescimento das exportações (10,06%), das importações (16,95%) e da corrente do comércio (12,54%) muito superiores às do Brasil (6,63%, 8,06% e 7,24% respectivamente). No que se refere

as importações, especificamente, verificou-se que ela foi o dobro da apresentada pelo Brasil no período (16,95% contra 8,06%). Isto sinaliza para o fato do esforço que o estado empreendeu para melhorar sua infra-estrutura para promover crescimento e ao mesmo tempo, para ampliar mercados para escoar sua produção, através das exportações, as quais cresceram 10,06% contra 6,63% apresentadas pelo Brasil.

Calculando as elasticidades das exportações em relação ao PIB do Brasil e do Paraná pôde-se perceber um comportamento semelhante entre os dois. Foi verificado que para um aumento de 10% nas exportações, tanto do Brasil quanto do Paraná, ocorrerá um acréscimo de 3% nos PIBs⁴. Ou seja, as exportações tem o mesmo poder de determinação do PIB para o Brasil e para o Paraná.

5 – O PARANÁ E SEU MERCADO EXTERNO

Os mercados de destino mais comuns dos principais produtos do Estado se dão da seguinte forma: soja – China, Holanda e Irã; automóveis e motores – Estados Unidos, Reino Unido e Argentina; madeira e manufaturas – Estados Unidos; carne – Rússia, Arábia Saudita e Holanda; cereais – Espanha, Coréia do Sul e Irã; açúcar – Rússia; papel – Argentina; café – Estados Unidos, Rússia e Alemanha⁵.

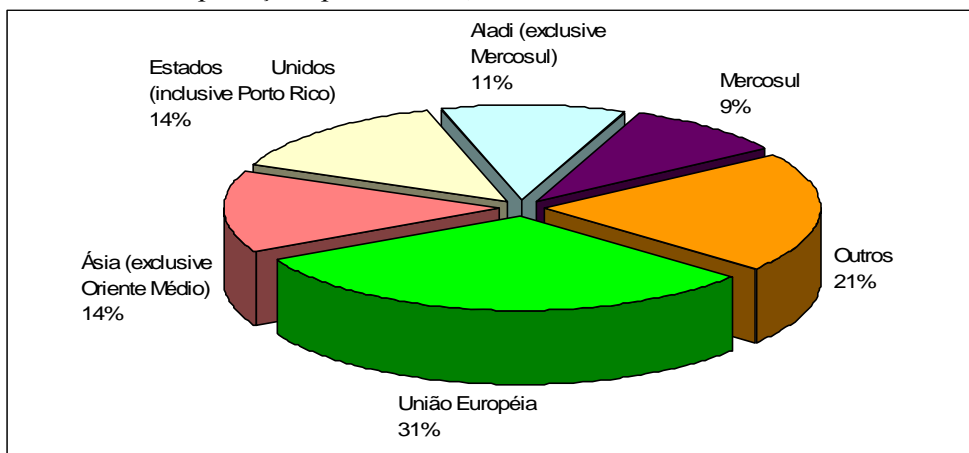
Como pode se observar no comércio exterior paranaenseos cinco principais destinos de exportações do estado do Paraná são como seguem: Estados Unidos, China, Alemanha, Holanda e Argentina. Além desses países, França, Itália, Nigéria e China possuem papel relevante quanto a importações. Atualmente, dois potenciais parceiros econômicos do Paraná são Argentina e China. Esses mercados apresentaram trajetórias distintas quanto a sua contribuição para o comércio exterior do estado. Entre os parceiros econômicos citados anteriormente, aquele que vem se destacando como grande parceiro comercial é a China. Pode se observar isso, sobretudo, no que diz respeito às exportações.

Assumindo como referência os diversos blocos econômicos mundiais, o Paraná teve, em 2005, a União Européia como principal importadora de seus produtos (31%). Outros importantes destinos foram a Ásia (14%), Estados Unidos - inclusive Porto Rico (14%), Aladi - exclusive Mercosul (11%) e Mercosul (9%); conforme apresentado na Figura 3.

⁴ A elasticidade das exportações para o Brasil foi de 0,299, com nível de significância de 16%. Já para o Paraná foi de 0,304, com nível de significância de 6%.

⁵ Os produtos que representam maior volume de importação para o Paraná são adubos e fertilizantes (11,6%); produtos químicos orgânicos (4,0%); autopeças (11,4%); motores para automóveis (5,1%); óleos brutos de petróleo (9,9%); soja mesmo triturada (5,3%); e cereais (3,2%). As principais origens desses produtos importados pelo Paraná são as seguintes: produtos químicos - Rússia e Estados Unidos; autopeças e motores para automóveis - Alemanha, França e Estados Unidos; derivados de petróleo – Nigéria; soja – Paraguai; e cereais - Argentina e Paraguai.

Figura 3 – Participação relativa dos principais blocos econômicos nas exportações paranaenses, 2005.



Fonte: MDIC/SECEX, 2006.

Nota: Aladi - Associação Latino-Americana de Integração; Mercosul: Mercado Comum do Sul.

A China, em 1998, ocupava o quinto lugar no *ranking* das exportações paranaense, com participação relativa de 6,3%. Essa teve sua participação reduzida para apenas 1,4% no ano seguinte, o que resultou em uma queda de aproximadamente 79% no valor importado. A partir de 2000, a China voltou a ser importante destino das exportações paranaenses, ocupando a sétima posição. Portanto, entre 2002 e 2004, passou a apresentar elevados níveis de crescimento no seu volume de compra, evoluindo de US\$421,5 milhões para US\$1,1 bilhão (variação de 261,0%). Com isto, Tornou-se, então, o segundo principal país de destino das exportações do Paraná, o que evidencia sua importância para o estado.

O mercado argentino, que em 1998 era o terceiro importador, passou a ser o segundo principal em 2000 (participando com 10,8%). No ano seguinte, suas importações apresentaram uma pequena redução e, em 2002, atingiu seu nível mais baixo. Nesse ano, respondia por apenas 2,4% das exportações, ocupando a 13ª posição. A partir de 2003, a Argentina voltou a apresentar expressiva participação, como a terceira economia mais importante para as exportações paranaense. Entre 2002 e 2004, ocorreu uma variação de 447,2% no volume de exportações do Paraná à Argentina.

Assim, o estado do Paraná tem demonstrado capacitação quanto as possibilidades de inserção em mercados que tem aumentado sua importância diante do comércio internacional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa procurou evidenciar os efeitos do desempenho das exportações do estado do Paraná como determinante do crescimento de sua economia, entre os anos de 1990 e 2005. Para tanto, foi utilizado indicadores de desempenho, especialmente o índice de vantagem comparativa revelada, das elasticidades as exportações, as taxas médias de crescimento, dentre outros.

O índice de correlação entre Pib e exportações, Pib e importações e Pib e corrente de comércio foi utilizado para averiguar se os aumentos das relações de comércio refletem diretamente no produto do estado. Também foi utilizado o índice das vantagens comparativas reveladas para os produtos paranaense voltados à mercados externos. Neste caso, verificou-se que a evolução da corrente de comércio e seu coeficiente de abertura econômica revelou um maior grau de inserção da economia do estado nos mercados nacional e internacional.

O coeficiente de correlação que mais contribuiu para o crescimento da economia do Paraná, no período analisado, foi entre exportações e Pib (0,345), que superou o nível de correlação apresentado pelo país (0,282). O índice de correlação do comércio externo total do estado, por outro lado, foi menos expressivo em relação ao nacional, pelo fato de as importações não terem apresentado forte participação relativa.

As elasticidades das exportações em relação ao Pib se apresentaram de forma semelhante à brasileira. Para cada 10% de aumento das exportações, tem-se uma elevação de 3% no Pib. Além disso, o Paraná também apresentou vantagem comparativa revelada em todos os principais produtos da sua pauta de exportação. Observa-se que essa pauta não é composta somente por produtos da agroindústria, mas também por produtos da indústria automotiva, representados pela produção de automóveis, que no ano de 2000 apresentou o maior índice de vantagem comparativa revelada de todos os produtos analisados.

A evolução da corrente de comércio paranaense foi relativamente superior a do Brasil, no período analisado, refletindo a importância da balança comercial no grau de inserção da economia. Portanto, pode-se concluir que as exportações foram responsáveis pelo crescimento da economia do Paraná, através da maior abertura da economia com a inserção de produtos domésticos em mercados nacional e internacional. Esse fato se deve a um esforço, tanto por parte do governo, quanto dos empresários, em elevar a competitividade das empresas localizadas no estado do Paraná, diante de mercados globais cada vez mais competitivos.



REFERÊNCIAS

BALASSA, Bela. Outward orientation. In. CHENERY, Hollis & SRINIVASAN, T.N. (eds.). **Handbook of development economics**. Amsterdam: North Holland, 1989, v.2, cap.31, p.1645-1689.

BALASSA, Bela. **Trade liberalization and revealed comparative advantage**. The Manchester School of Economics and Social Studies, n.33, May 1965.

IMF, International Monetary Fund. **World Economic Overview**. 2005. Disponível em: <<http://www.imf.org>> Acesso em: 28 mar. 2006.

KOHLER, Romualdo. **Simulações acerca da relação entre oferta de moeda e crescimento de pequenas economias locais abertas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Santa Cruz do Sul.

LOURENÇO, Gilmar M. **Análise Conjuntural**. Curitiba: IPARDES, v.27, n.11-12, pg. 8, nov./dez. 2005.

MDIC/SECEX. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em: <<http://desenvolvimento.gov.br>> Acesso em: 28 jan. 2006.

NOJIMA, Daniel. Crescimento e Reestruturação Industrial no Paraná – 1985/2000. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 103, p. 23-43, jul./dez. 2002.

RICHARDSON, Harry W. **Economia regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

SIRKIN, Gerald. The theory of the regional economic base. **The Review of Economics and Statistics**, v.XLI, n.4, p.426-429, Nov.1959.

SOUZA, Nali J. Conceito e aplicação da teoria da base econômica. *Perspectiva Econômica*. São Leopoldo: Unisinos, v.10, n.25, p.117-130, mar.1980.

SOUZA, Nali J. **Desenvolvimento Econômico**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Nali J. Exportações e crescimento econômico do RS, 1951/2001. **Ensaio FEE**. Porto Alegre: FEE, v.23, n. especial 2002, p. 565-601.

TIEBOUT, C. **As exportações e o crescimento econômico regional**. In: SCHWARTZMAN, Jacques *Economia Regional*. Belo Horizonte: Cedeplar. 1977, p.315-323).

TRINTIN, Jaime G. **A economia paranaense: 1985-1998**. 2001. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas.